

“CEUA EM AÇÃO”: EXPERIÊNCIAS E AÇÕES DA COMISSÃO DE ÉTICA NO USO DE ANIMAIS DA URCAMP

Sílvia Oliveira¹
Caroline Alvares Silva²
Eduardo Fontoura³
Ana Carolina Zago⁴
Luciane Suñe⁵

RESUMO: O respeito aos animais não-humanos, bem como suas necessidades quando utilizados para fins didático e experimental, são regulamentados pela Lei Arouca, que desencadeou o credenciamento das Comissões de Ética no Uso de Animais (CEUA) nas instituições de ensino e pesquisa, evitando o sofrimento destes seres. A Urcamp conta com a CEUA desde 2015, e de lá pra cá, além das atribuições mínimas, a CEUA-Urcamp se esforça em conscientizar os alunos e população em geral quanto à utilização bem como quanto ao bem-estar animal através de eventos. O objetivo do presente estudo foi demonstrar as atividades da comissão desde sua implantação com intuito de divulgar resultados contribuindo desta maneira com pesquisas da área. Ao todo mais de 190 protocolos foram analisados e 5 eventos foram apresentados a alunos e comunidade. Conclui-se a partir dos dados o importante papel da CEUA difundindo conhecimentos sobre o bem-estar animal e na atualização de docentes e discentes referente a assuntos relacionados à bioética

Palavras-chave: Ética, Bem-estar animal, atribuições da CEUA

"CEUA IN ACTION": EXPERIENCES AND ACTIONS OF THE URCAMP COMMITTEE ON ETHICS IN ANIMAL USE

ABSTRACT: *At present, respect for non-human animals as well as their needs when used for didactic and experimental purposes are regulated by the Arouca Law, which triggered the accreditation of the Committees on Ethics in the Use of Animals (CEUA) in educational and research institutions, avoiding the suffering of these beings. Urcamp has been counting on CEUA since 2015, and from then on, in addition to the minimum assignments, CEUA-Urcamp strives to raise awareness among students and the*

-
- 1 Bióloga, Ph.D, Urcamp-Bagé.
 - 2 Tecnóloga em Agroindústria, M.Sc, Urcamp-Alegrete.
 - 3 Médico Veterinário, Ph.D, Urcamp-Alegrete.
 - 4 Farmacêutica, M.Sc, Urcamp-Bagé.
 - 5 Médica Veterinária, Ph.D, Urcamp-Bagé.

general population about their use as well as animal welfare through events. The objective of the present study was to demonstrate the activities of the commission since its implementation in order to disseminate results contributing in this way with area research. In all over more than 190 protocols were analyzed and 5 events were presented to students and community. It is concluded from the data the important role of CEUA by disseminating knowledge on animal welfare and updating teachers and students on issues related to bioethics

Key-words: Ethics; Animal Welfare, CEUA's attributio

INTRODUÇÃO

Nos Primórdios da Humanidade, as descobertas eram feitas de maneira empírica, sendo o homem o sujeito da pesquisa e tudo válido em nome da ciência (ARAÚJO, 2006), onde os indivíduos participantes eram sujeitados a riscos e danos, sendo os indivíduos de outras culturas, prisioneiros e prisioneiros de guerra utilizados em experimentos. Com a evolução da sociedade e do pensar, tais pesquisas tornaram-se inadmissíveis. Posteriormente, com o advento da Ciência Experimental e Ciência de animais de laboratório, muitos animais tornaram-se objetos de experimentação.

Segundo Andrade, Pinto e Oliveira (2002), a ciência foi influenciada por René Descartes, que postulava que o animais eram incapazes de sentir ou sofrer, o que era suficiente na contestação de alegações referentes à crueldade em pesquisas científicas. Em 1865, o fisiologista Claude Bernard justificou a utilização de animais em pesquisas da seguinte maneira:

“Nós temos o direito de fazer experimentos animais e vivissecação? Eu penso que temos este direito, total e absolutamente. Seria estranho se reconhecêssemos o direito de usar os animais para serviços caseiros, para comida e proibir o seu uso para a instrução em uma das ciências mais úteis para a humanidade. Nenhuma hesitação é possível; a ciência da vida pode ser estabelecida somente através de experimentos, e nós podemos salvar seres vivos da morte somente após sacrificar outros. Experimentos devem ser feitos tanto no homem quanto nos animais. Penso que os médicos já fazem muitos experimentos perigosos no homem, antes de estudá-los cuidadosamente nos animais. Eu não admito que seja moral testar remédios mais ou menos perigosos ou ativos em pacientes em hospitais, sem primeiro experimentá-los em cães; eu provarei, a seguir, que os resultados obtidos em animais podem ser todos conclusivos para o homem quando nós sabemos como experimentar adequadamente”.

A história de Bernard, que pensava que parte da postura do cientista era ser indiferente ao sofrimento de animais de laboratório, ficou conhecida não apenas por seus brilhantes textos, mas devido ao envolvimento de sua esposa, que fundou a primeira associação para defesa de animais de laboratório após Bernard usar o cachorro de estimação de sua filha para ministrar uma aula a seus alunos (GOLDIM e RAYMUNDO, 1997)

O uso dos animais na pesquisa não agrada a todos, e por este motivo existem diversas ONGs e grupos de defesa de animais. Para Singer (2004), os movimentos de

“libertação animal” foram fundamentados por movimentos sociais na Europa e nos Estados Unidos da América juntamente ao surgimento da bioética, do bem-estar animal e intensificação do debate moral, fazendo desta maneira, que o envolvimento do uso dos animais na prática científica fosse submetida a determinados mecanismos de controle.

Durante muito tempo, os animais foram utilizados para estudo de doenças e seus tratamentos, indústria farmacêuticas, testes de vacinas, indústria de cosméticos, aulas práticas em cursos de graduação e pós-graduação, entre muitas outras atividades sem o controle necessário. Após a segunda Grande Guerra, Ruth Harrison através de seu livro *Animal Machines*, denunciou práticas abusivas na produção animal (HARRISON, 1964), e como consequência do lançamento deste livro, o governo Britânico instituiu em 1965 o Comitê Brambell, onde foi determinado, segundo Thorpe (1965), que os animais teriam necessidades em demonstrar determinados comportamentos e apresentariam problemas caso estes fossem frustrados. Estas necessidades vieram a ser escritas como “as cinco liberdades” (circular, virar-se, limpar-se, levantar-se e deitar-se e esticar os membros) pelo Relatório Brambell, dando início ao movimento moderno referente ao bem-estar animal.

Para época foi suficiente, porém, com o passar do tempo, uma nova comissão chamado Comitê de Bem-Estar de Animais Agrícolas do Reino Unido (FAWC) atualizou as cinco liberdades (GONYOU, 2008): a) todo animal deve estar livre de sede, fome e desnutrição através do pronto acesso à água fresca e a uma dieta adequada, visando manter plena saúde e vigor; b) todo animal deve estar livre de desconforto, tendo acesso a um ambiente adequado, incluindo abrigo e uma área de descanso; c) todo animal deve estar livre de dor, lesões e doenças, tendo direito a prevenção, diagnóstico rápido e tratamento; d) todo animal deve estar livre para expressar comportamento natural, tendo disponível espaço suficiente, instalações adequadas e companhia de animais da própria espécie; e) todo animal deve estar livre de medo e estresse, com condições que evitem o sofrimento mental.

No Brasil, segundo Cadavez (2008), a exploração dos recursos naturais agregado à colonização, foram a receita perfeita para o desenvolvimento de uma estrutura desrespeitosa com o patrimônio cultural, porém apenas em meados dos anos 30 foi votada a primeira lei referente à proteção dos animais, mas que mais se referia ao meio ambiente em si. Mas foi em 1995 que houve a real criação de um projeto de lei relacionado à experimentação animal, a Lei Arouca, sancionada em 2009. Esta lei

estabeleceu regras de como criar e utilizar animais vertebrados no ensino e na pesquisa científica, as penalidades para quem transgredir as disposições e o princípio dos 3 Rs. (OLIVEIRA et al., 2013). Além disso, a Lei Arouca foi a responsável pela criação do Conselho Nacional de Controle de Experimentação Animal (CONCEA) um órgão ligado ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, responsável pelas normatizações relacionadas à criação e utilização de animais para fins didáticos e científicos através das Comissões de Ética no Uso de Animais (CEUA).

MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo tratou-se de um levantamento referente às atividades da CEUA-Urcamp desde seu credenciamento junto ao CONCEA em dezembro de 2015 até o mês de agosto de 2018, tendo iniciado o recebimento e avaliação de protocolos no ano de 2016. Os dados referentes ao número de protocolos analisados e seus pareceres serão demonstrados em tabelas, enquanto as atividades desenvolvidas pela CEUA serão apresentada de forma descritiva.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A CEUA-Urcamp conta com uma equipe multidisciplinar, atendendo aos 4 campi da Urcamp tendo atividades principalmente nos cursos de graduação em Medicina Veterinária e Ciências Biológicas, e é responsável pela avaliação de procedimentos na utilização de animais na pesquisa, extensão e no ensino, elaboração de relatórios e pareceres e acompanhamento das pesquisas.

Bem estar animal, bioética, uso de animais em pesquisa e ensino, são temas atuais e devem ser discutidos em fóruns adequados. Por este motivo a CEUA-Urcamp participa e incentiva eventos relacionados ao bem-estar animal e as atribuições de uma CEUA. Os eventos desenvolvidos pelos integrantes, levam aos alunos, professores e comunidade atualização e conhecimento quanto ao assunto.

Desde sua implantação em 2015, a CEUA-Urcamp avaliou um total de 191 protocolos sendo 177 referentes à ensino, 8 à pesquisa, 5 a treinamento e 1 de extensão. Para cada protocolo, é feito um parecer (que por motivos óbvios não serão numerados neste trabalho). A maior demanda de protocolos é voltada para o curso de

Medicina Veterinária, onde todas as aulas práticas com animais vivos necessitam da avaliação e parecer da CEUA. Na tabela 1, está demonstrado o número de protocolos avaliados por ano e por tipo.

Tabela 1: Protocolos avaliados em sua totalidade

Protocolos analisados	2016	2017	2018	Total
Protocolos de ensino	100	21	56	177
Protocolos de Pesquisa	5	1	2	8
Protocolos de Treinamento	2	1	2	5
Protocolos de Extensão	1	0	0	1
Total	108	23	60	191

As ações desenvolvidas pela CEUA-Urcamp vão desde palestras a seminários e encontros com intuito de divulgar as atividades e demonstrar a importância do bem-estar animal em todas as situações, desde o ensino e pesquisa até a prática para Médicos Veterinários e Biólogos. Entre estas ações estão:

I EBEA – I encontro de bem-estar animal, (Figura 1) que aconteceu no complexo Dom Diogo de Souza em Bagé com apoio da FEPAGRO em 2015, contou com vários palestrantes de Instituições de Ensino Superior que trabalham com bem-estar animal, animais de laboratório e cuidados relacionados a gado de corte. O evento contou com mais de 120 inscritos e ao final os alunos puderam dar sugestões sobre quais temas deveriam ser levantados em outro encontro.



Figura 1 – I EBEA

Fonte – Membros da CEUA-Urcamp

II EBEA – II encontro de bem-estar animal (figura 2), também ocorrido no Complexo Dom Diogo de Souza em Bagé, com apoio da FEPAGRO em 2016, que tratou de assuntos relacionados à ética em pesquisa com animais e formas modelos alternativos para prática de pesquisa. Aproximadamente o mesmo público do evento anterior estava presente.



Figura 2: II EBEA

Fonte: Membros da CEUA-Urcamp

Participação de parte da Comissão no 19º Seminário de Medicina Veterinária em Alegrete – 2017, onde na programação, foi apresentada uma palestra sobre as atribuições da CEUA-Urcamp e a importância dos cuidados com animais.



Figura 3: 19º Seminário de Medicina Veterinária em Alegrete

Fonte: Curso de Medicina Veterinária – Urcamp -Alegrete

I Simpósio de Bioética e Bem-estar animal da Urcamp (figura 4), ocorrido em Alegrete no mês de maio de 2018, foi realizado no Salão de Atos do Campus Alegrete e visou principalmente abordar a importância da CEUA para a realização de aulas práticas e o desenvolvimento do ensino aprendizagem dos profissionais das Ciências Agrárias, Biológicas e da Saúde. O evento contou com profissionais da área com experiência nas temáticas que foram abordadas, tais como Introdução ao Bem estar e bem estar de animais de produção, uso de animais em experimentos e eutanásia. Contou com um total de 102 inscritos, sendo estes dos Cursos de Ciências Biológicas e Medicina Veterinária da Urcamp, e de outras IES, como a Universidade Federal do Pampa Campus Uruguaiana (Curso de Medicina Veterinária) e acadêmicos de Zootecnia do Instituto Federal Farroupilha Campus Alegrete.



Figura 4: I Simpósio de Bioética e Bem-estar animal da Urcamp
Fonte: Membros da CEUA Urcamp

Em agosto de 2018, o encontro intitulado como CEUA itinerante, foi uma ótima troca de experiências com os acadêmicos, e foi possível os instruir de quais são as atividades que necessitam de um parecer da CEUA para execução e principalmente para a publicação dessas pesquisas, já que os cursos de Medicina Veterinária do Campus Alegrete e o Curso de Zootecnia do IFFar do Campus Alegrete trabalham no município de forma integrada, principalmente nos eventos providos pelas IES, o que proporciona muita troca de saberes e vivências. Nos eventos promovidos pela Medicina Veterinária da Urcamp Alegrete, desde 2016 vem sendo abordados temas como Bem Estar Animal e a importância da CEUA para os projetos de pesquisa, ensino e extensão. Esse convívio é tão estreito que os docentes do Curso de Zootecnia convidaram os membros da CEUA Urcamp para proferirem uma palestra sobre os protocolos utilizados e avaliados pela CEUA, a importância desses protocolos para execução dos projetos de Trabalho de Conclusão de Curso.



Figura 5: CEUA itinerante

Fonte: Medicina Veterinária-Urcamp Alegrete

Desta forma, podemos concluir o importante papel da CEUA difundindo conhecimentos sobre o bem-estar animal e na atualização de docentes e discentes referente a assuntos relacionados à bioética, agregando cada vez mais alunos, professores e interessados para discussão e troca de ideias.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A., PINTO, SC., OLIVEIRA, RS., orgs. Animais de Laboratório: criação e experimentação [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 388p, 2002.

ARAÚJO, C. A. A. A ciência como forma de conhecimento. *Ciência & Cognição*. vol. 8, 2006.

BERNARD, C. Introduction a l'étude de la médecine expérimentale. Preface de François Dagonet. Paris: Flammarion, 318p. 1965.

BRAMBELL FWR (chairman). Report of the Technical Committee to Enquire into the Welfare of Animals Kept under Intensive Husbandry Conditions. London: H.M.S.O., 1965.

CADAVEZ, L. M. V. A. P. Crueldade contra os animais: Uma leitura transdisciplinar à luz do sistema jurídico brasileiro. *Direito e Justiça*, 34(1): 88-120. 2008.

GOLDIM, J. R., RAYMUNDO, M. M. Pesquisa em Saúde e os Direitos dos Animais. 2 ed. Porto Alegre: HCPA, 1997.

GONYOU, H. W. Why the study of animal behavior is associated with the animal welfar issue. *Journal of Animal Science*, 72: 2171-2177, 2008.

HARRISON, R. Animal machines: The new factory farming industry. London: Vincent Stuart Publishers. 1964.

OLIVEIRA, L. N., RODRIGUES, G. S., GUALDI, C. B., FEIJÓ, A. G. S. A Lei Arouca e o uso de animais em ensino e pesquisa na visão de um grupo de docentes. *BIOETHIKOS*; 7 (2): 139-149. 2013.

SINGER, P. Liberdade animal. Lugano, 381 p. 2004

THORPE, W. H. The assessment of pain and distress in animals. Appendix III. in: Brambell Committee Report, Command Paper 2896. H.M.S.O, London; 1965:71–79.